

As aplicações da autoconfrontação no exame do trabalho docente

The applications of self-confrontation in the study of teacher's work

<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2016v50n2p492>

Deivis Perez

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Assis/SP, Brasil

Carla Messias

Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso, Barra do Garças/MT, Brasil

Este artigo discute o uso do dispositivo autoconfrontação em investigações sobre o trabalho docente realizadas por pesquisadores da Linguística Aplicada, em particular, pelos estudiosos do grupo de pesquisa Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações (ALTER) que desenvolveram as suas atividades entre 2003 e 2013, sob a liderança da professora Anna Rachel Machado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP. O artigo apresenta a autoconfrontação, suas origens, referências teóricas, fases e movimentos que devem ser seguidos na sua aplicação. Em seguida, buscou-se examinar o uso da autoconfrontação em teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas no contexto do ALTER. Ao final, são apresentadas as limitações na utilização do dispositivo verificadas nas pesquisas do grupo e, também, o seu legado para a Linguística Aplicada e as Ciências do Trabalho, que tem servido para a compreensão do trabalho docente e ampliação do poder de agir dos professores de diferentes disciplinas.

Palavras-chave: Método de Pesquisa; Linguística Aplicada; Psicologia do Trabalho; Clínica do Trabalho; Trabalho Docente.

This article is about the use of the methodological procedure called selfconfrontation by researchers from Applied Linguistics especially by the scholars from the research group Language Analysis, Educational Work and their relationships/ALTER, which developed its activities from 2003 to 2013, under the leadership of the professor Anna Rachel Machado from Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP. The article shows a selfconfrontation, its origins, theoretical references, phases and movements that must be followed in the use of this procedure. Afterwards, the use of the selfconfrontation was examined and discussed through doctoral and masters' theses produced by ALTER context. Finally, the limitations of the procedure application identified in the group researches and their meaning left to Applied Linguistic and the Work Sciences are presented, that has been served for the understanding of the teacher work and the expansion of the teachers acting power from different disciplines.

Keywords: Research Methodology; Applied Linguistic; Work Psychology; Clinic of Work; Teacher Work.

Introdução

Este artigo discute as aplicações do dispositivo autoconfrontação em pesquisas sobre o trabalho do professor, as quais resultaram na produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado no Brasil por pesquisadores do campo da Linguística Aplicada. Optou-se por debater a temática por intermédio do exame do caso de utilização da autoconfrontação pelos estudiosos do grupo Análise de Linguagem, Trabalho Educacional e suas Relações (ALTER) que desenvolveu as suas atividades entre 2003 e 2013, sob a liderança de Anna Rachel Machado, e era vinculado institucionalmente ao Programa de

Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL/PUC-SP). O dispositivo ao qual referimos é usado em intervenções em processos laborais e na recolha de dados científicos, foi criado por Faïta (1997) e tem sido aperfeiçoado no quadro da Clínica da Atividade (VIEIRA; FAÏTA, 2003; CLOT, 2006; 2010; CLOT; FERNÁNDEZ, 2007).

O interesse pela compreensão das aplicações da autoconfrontação em estudos da Linguística Aplicada particularmente ao trabalho do professor se deve à centralidade que atribuímos a esta categoria profissional no contexto laboral contemporâneo. A compreensão do mundo social e da cultura em que estamos inseridos demanda, conforme Tardif e Lessard (2005), o entendimento dos processos organizados de ensino e do trabalho docente, dada a sua proeminência sobre outras esferas ocupacionais, em face de a quase totalidade dos profissionais existentes em nossa sociedade terem sido submetidos, antes de assumirem as suas ocupações, aos processos educativos conduzidos por professores.

O foco na investigação especificamente das aplicações da autoconfrontação é devido ao fato de este dispositivo ter sido elaborado para caracterizar-se como um instrumento de coanálise, ressignificação e possível transformação do trabalho e, simultaneamente, para ser uma ferramenta acadêmica de recolha e exame de dados sobre a atividade ocupacional de indivíduos e grupos. Assim, a autoconfrontação extrapola a mera coleta de informações de campo, observada tradicionalmente nos instrumentos de pesquisa. Tal dispositivo se singulariza por ser uma estratégia tanto de intervenção em processos laborais quanto de metodologia científica desenvolvida para fazer emergir os múltiplos discursos e perspectivas em torno de um ofício, integrando o pesquisador e o trabalhador ou coletivo de trabalhadores.

Na Clínica da Atividade, o estudo do trabalho com o uso da autoconfrontação tem dois pressupostos, a saber: o primeiro diz respeito à demanda por exame do trabalho que deve emergir de um grupo de profissionais que percebeu que o exercício das suas funções se encontra degradado (CLOT, 2010). Assim, o pesquisador do trabalho deve ser convidado por um coletivo de trabalhadores para contribuir na mediação da (re)apropriação das suas atividades de ofício. Este pressuposto baseia-se na compreensão de que o grupo de trabalhadores deve requerer a criação de espaços institucionalmente reconhecidos, bem como a aplicação de mecanismos capazes de apoiar a potencialização das mudanças no agir profissional individual e grupal.

A segunda presunção é relativa à concepção da relação entre a pessoa e o coletivo. De acordo com Clot (2010), as situações conflituosas vividas no âmbito individual são estabelecidas pela agitação e discussão que emergem nas relações entre os membros de uma coletividade humana. Essa conflituo-

sidade social não é entendida de modo negativo por Clot, que considera que os conflitos sociais ou externos à pessoa contribuem para que o indivíduo mobilize, moureje e coloque em movimento o seu psiquismo. Nesse sentido, é necessário que a autoconfrontação seja aplicada em todas as suas fases para que ocorram aproximações sucessivas na direção da produção de saberes pelos trabalhadores acerca do próprio ofício e, finalmente, a sua transformação por ação da coletividade profissional. Os dados a serem recolhidos para uma pesquisa devem emergir do diálogo que se estabelece entre os trabalhadores e destes com o pesquisador na coanálise das atividades e, de modo privilegiado, no processo dialógico que se busca instalar na fase final da autoconfrontação, nomeada restituição ao coletivo de trabalho.

A escolha do ALTER se justifica em razão de os seus membros terem protagonizado a aplicação da autoconfrontação na Linguística Aplicada ao estudo do trabalho do professor no Brasil na primeira década do século XXI. Cumpre mencionar, que o ALTER foi identificado como o único grupo de pesquisadores, certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que se dedicou à produção continuada de investigações com uso da autoconfrontação, isto conforme as informações sistematizadas por Perez e Messias (2013a) acerca da utilização deste dispositivo em pesquisas sobre o trabalho docente concluídas até 2011 nos Programas de Pós-graduação *stricto sensu* de Linguística Aplicada brasileiros.

Em função do exposto, julgou-se que o exame de caso do ALTER na aplicação da autoconfrontação poderia extrapolar o registro histórico das ações do grupo, e contribuir para a compreensão dos modos como este dispositivo tem sido usado na Linguística Aplicada em nosso país e, portanto, apoiar uma análise crítica do alcance, relevância e limitações dos usos da autoconfrontação como recurso científico e de coanálise do trabalho docente. Nesta investigação, a presunção foi que o ALTER, enquanto grupo que se organizou em torno dos estudos da laboralidade dos professores com uso da autoconfrontação, pôde produzir e compartilhar saberes que, hipoteticamente, permitiram aprimorar as estratégias de aplicação do dispositivo, bem como, contextualizá-lo para a realidade brasileira acadêmica e do mundo do trabalho.

Considerando os pressupostos da Clínica da Atividade acerca da coanálise, intervenção e pesquisa sobre o trabalho, acima explicitados, foram delimitadas três questões articuladas que nortearam o exame e discussão das dissertações e teses incluídas na base analítica deste estudo, a saber: (a) quais as semelhanças e diferenças na aplicação da autoconfrontação em estudos produzidos no grupo ALTER comparativamente às orientações feitas pelos pesquisadores da Clínica da Atividade? (b) Os estudiosos do ALTER desencadearam os seus trabalhos partindo da demanda de profissionais pela

coanálise e transformação das suas atividades ocupacionais ou os pesquisadores é que solicitaram a contribuição de trabalhadores nos processos de recolha de dados para as suas pesquisas? (c) Por fim, caso não tenha havido demanda de trabalhadores, esse fato produziu alterações significativas no conjunto das fases de aplicação autoconfrontação, na coanálise do trabalho e na recolha de dados das pesquisas?

Este artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais, em que abordamos, sucessivamente: (a) metodologia de pesquisa; (b) o contexto teórico de produção da autoconfrontação; (c) as fases e movimentos de aplicação do dispositivo de acordo com os pesquisadores da Clínica da Atividade; (d) resultados da análise das dissertações e teses do grupo em que foi aplicada a autoconfrontação; (e) discussão das características dos usos do dispositivo pelo ALTER e suas contribuições para o estudo do trabalho docente.

Metodologia da pesquisa

No tocante à metodologia, optou-se por uma abordagem qualitativa no exame dos dados documentais e pela realização de um estudo de caso, que se caracteriza por ser uma investigação “em profundidade de um fenômeno, com ênfase na sua singularidade” (ANDRÉ, 2005, p. 19). De acordo com Stake (2000), um caso a ser investigado é aquele que se apresenta como unidade analítica distintiva num universo ampliado e, simultaneamente, como um sistema complexo que possui elementos ou partes mutuamente conectadas e integradas.

É relevante sinalizar que Stake (2000) considera que a realização dos estudos de caso podem atender a múltiplas preocupações acadêmicas e perspectivas metodológicas, além de admitirem variadas técnicas de coleta dos dados, tais como: observações, entrevistas, registros fotográficos e audiovisuais e exame de material textual ou documental. O exame textual foi a técnica adota neste trabalho. Cumpre notar que o autor admite, também, que os estudos de caso instrumentais podem ser de tipo coletivo, isto é, voltados para o exame de inúmeros casos aparentemente isolados, mas que possuem aspectos caracterizadores comuns ou que estão unidos por um contexto histórico, por um quadro organizacional, por sua natureza intrínseca ou por outros aspectos comuns identificados pelo pesquisador e reconhecidos publicamente.

O caso do conjunto de pesquisas que resultou na produção de dissertações e teses no âmbito do ALTER, atende aos itens definidores do estudo de caso formulados por Stake, na medida em que foram investigações: (a) produzidas por um grupo brasileiro de pesquisas que foi o único a fazer uso constante e repetido da autoconfrontação como instrumento investigativo ao longo dos

anos 2000; (b) elaboradas por um coletivo de estudiosos que apresentava uma intrincada unidade epistemológica e metodológica na orientação dos seus trabalhos; (c) realizadas por pesquisadores que atendiam a uma liderança acadêmica e científica claramente definida e que possuíam vinculação institucional estável e reconhecida por órgãos públicos, como o CNPq.

Nesta pesquisa foi executado um *estudo de caso instrumental coletivo*, conforme concebido por Stake (1995, apud ANDRÉ, 2005), em que o pesquisador interessa-se por uma temática ampla cuja compreensão será favorecida pela investigação de alguns casos, analisados juntamente em função dos seus traços comuns. Para garantir a identificação das pesquisas do ALTER em que se aplicou a autoconfrontação, foi adotada a estratégia abaixo descrita, sob inspiração das indicações de Romanowski e Ens (2006).

a) Circunscrição de um período temporal que guiou a delimitação dos trabalhos que compuseram a base analítica de dados da pesquisa. Neste estudo consideramos como marco inicial o ano de 2003, em que o ALTER foi criado, e 2013 como ano final. O grupo encerrou as suas atividades vinculadas à PUC-SP em 2012, devido ao falecimento da sua líder, Machado. A despeito disso, julgamos que havia a possibilidade de algumas pesquisas estarem em andamento, em especial aquelas que resultariam em teses de doutorado, as quais poderiam ser consideradas como investigações elaboradas no quadro teórico e metodológico do ALTER.

b) Definição dos descritores que orientaram as buscas, que foram: autoconfrontação; Clínica da Atividade; método indireto; Psicologia Histórico Cultural e variações, como Psicologia Sócio-Histórica; reflexão sobre o trabalho; análise do trabalho; ressignificação do trabalho; transformação do trabalho; ato e gesto ocupacional e ação refletida.

c) Delimitação dos bancos de pesquisas e acervos digitais dedicados à catalogação e facilitação do acesso aos resumos e textos completos de teses e dissertações. Definimos que a busca inicial seria feita por meio de consulta ao Banco de Teses da CAPES e à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

c) Recolha dos resumos e obtenção dos textos completos das dissertações e teses do ALTER, obedecendo os seguintes critérios de seleção do material: a pesquisa fez uso da autoconfrontação e teve como objeto o trabalho docente; o autor mencionou no resumo ou no texto completo a sua vinculação ou do seu orientador ao grupo; a aplicação da autoconfrontação foi feita considerando as referências da Clínica da Atividade.

Esta fase final da coleta de dados se articulou ao primeiro movimento analítico dos resumos e textos completos das pesquisas, nomeado pré-análise, em que o propósito foi checar a pertinência do material recolhido em relação aos objeti-

vos desta investigação e em face dos critérios de seleção do material adotados. O segundo procedimento de análise foi a exploração do material, que consistiu em: classificar as dissertações e teses por ano de defesa, Universidade e Programa de Pós-Graduação em que foi produzida cada pesquisa; identificar o orientador ou orientadora; elaborar formas gráficas de apresentação dos dados. O terceiro mecanismo analítico foi o exame de caráter qualitativo das dissertações e teses do ALTER, que foi empreendido tomando-se como base a definição e a caracterização das fases de aplicação da autoconfrontação feitas pelos pesquisadores da Clínica da Atividade, as quais serão apresentadas na próxima seção.

Autoconfrontação: contexto teórico de produção

A autoconfrontação foi criada por Faïta (1997) para favorecer a coanálise e estudo do trabalho de condutores de trens. O aprimoramento desse dispositivo tem sido realizado no contexto teórico da Clínica da Atividade, pela equipe do Laboratório de Psicologia do Trabalho do *Conservatoire National de Arts e Metiers* de Paris (CNAM), sob a coordenação de Clot. A Clínica da Atividade se insere nas Ciências do Trabalho e possui como raiz epistemológica a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, segundo a qual o desenvolvimento psicossocial humano ocorre por meio do contato de cada sujeito com outras pessoas e grupos e do estabelecimento de processos colaborativos na mediação da transmissão dos saberes socialmente construídos.

De acordo com Clot (2006; 2010), a perspectiva desenvolvimentista vigotskiana orienta a Clínica da Atividade na compreensão do trabalho, definido como experiência que permite ao homem metamorfosear o ambiente em que está inserido e, conjuntamente, desenvolver a si mesmo, em função do estímulo que o trabalho oferece à articulação entre a ação individual e a atividade coletiva, o que faz emergir e consolidar as capacidades de indivíduos e grupos. Trata-se de uma concepção ampliada de trabalho, reconhecido, portanto, por sua relevância para a realização das potencialidades humanas, ao mesmo tempo em que, sob certas circunstâncias, pode constituir-se de dimensões capazes de conduzir à paralisia da ação e ao adoecimento do trabalhador. É sob a inspiração vigotskiana que a Clínica da Atividade defende a definição do trabalho como um fenômeno social e psicológico. Além disso, compreende que os estudiosos da área do trabalho devem construir e acurar estratégias interventivas e metodológicas que permitam às pessoas e aos grupos experimentarem a possibilidade de transformação da própria realidade, a ampliação da sua vitalidade e potência de agir, bem como, a promoção de metamorfoses psicossociais.

Os métodos científicos e de mediação do desenvolvimento humano foram analisados por Vigotski (1927/1996) no texto “Significado histórico da crise

da Psicologia: uma investigação metodológica”, em que o autor sustenta que os métodos diretos de acesso ao real limitam o exame e a compreensão dos fenômenos psíquicos. Em função disso, conforme Vigotski, era necessário desenvolver métodos indiretos de acesso ao psiquismo humano, capazes de favorecer aproximações dos fenômenos psicológicos que possibilitassem considerar os comportamentos observáveis e os aspectos conscientes do homem analogamente aos métodos diretos, mas que também permitissem reconstruir e interpretar outras dimensões do psiquismo, não conscientes e subjetivas. O surgimento da autoconfrontação no âmbito da Clínica da Atividade, atendeu ao chamado vigotskiano por meio da produção de instrumento interventivo e científico cujo intento era, mediante a coanálise do trabalho por um pesquisador e por trabalhadores, favorecer a compreensão e o desenvolvimento dos múltiplos elementos constituintes do psiquismo humano.

A realização das intervenções e pesquisas acadêmicas com o uso da autoconfrontação demanda do investigador o entendimento da perspectiva clínica que dirige a aplicação deste dispositivo, na qual o trabalho é concebido como operador da saúde psicofísica humana. Isto significa que a autoconfrontação deve ser adotada tendo como horizonte a (re)criação permanente da operação laboral pelos trabalhadores, considerando que somente há saúde nas situações em que a atividade humana está potencializada e em pleno movimento (CLOT, 2013). É necessário, também, que o pesquisador domine os procedimentos de execução do dispositivo, de modo que contribua com eficiência para o surgimento do diálogo sobre um ofício e a transformação do processo laboral pelos trabalhadores. Seguindo esse pressuposto, na próxima seção, apresentamos a caracterização da autoconfrontação e as fases e movimentos que compõem a sua aplicação.

Caracterização, fases e movimentos de aplicação da autoconfrontação

A autoconfrontação, em conformidade com os estudos do dispositivo feitos por Perez e Messias (2013a; 2013b), que consideraram as indicações oriundas da Clínica da Atividade, se organiza em três fases, as quais se subdividem em movimentos distintos. De acordo com Clot e Fernández (2007) a aplicação integral da autoconfrontação deve ocorrer em um ano e seis meses, sendo que cada uma das fases do dispositivo tem duração de seis meses.

FASE A

A primeira fase da autoconfrontação objetiva aproximar o pesquisador da atividade laboral e dos trabalhadores com os quais atuará ao longo do proces-

so de coanálise e pesquisa. Trata-se da aproximação gradual do estudioso em relação ao trabalho e ao coletivo profissional.

Neste período o estudioso deve conviver com os trabalhadores, de maneira a compreender o *métier* e tornar-se capaz de contribuir efetivamente com os trabalhadores.

- Movimento 1 – Documentos prescritivos e contexto sociointeracional de trabalho

Este movimento tem como foco levar o pesquisador a conhecer o contexto sociointeracional de trabalho, recorrendo à identificação e exame dos documentos prescritivos do trabalho dos profissionais participantes da coanálise e pesquisa. Ainda, é realizado o levantamento do histórico de produção desses documentos e quais os usos feitos pelos trabalhadores no cotidiano. Trata-se da aproximação da rotina dos trabalhadores e seu *métier*.

- Movimento 2 - Observação e entrevista semiestruturada

O segundo movimento tem início com a composição do chamado grupo de coanálise (CLOT, 2010), que deve ser integrado por uma ou duas duplas de trabalhadores e o pesquisador. Idealmente este grupo deve ser formado por profissionais indicados pelo coletivo de trabalhadores, que compreenderam que serão voluntários de uma investigação acadêmica.

O pesquisador faz a observação do trabalho realizado pelos voluntários e os aspectos relevantes testemunhados são registrados em um diário de pesquisas. Após a observação e registro, uma entrevista semiestruturada deve ser feita com cada um dos trabalhadores para esclarecer dúvidas e detalhar informações obtidas na observação.

FASE B

A fase B subdivide-se em quatro movimentos distintos e tem como objetivo favorecer a análise do trabalho por parte dos voluntários que compõem com o pesquisador o grupo de coanálise. O exame do trabalho é feito aspirando que os profissionais, por intermédio do diálogo sobre seu ofício, tornem-se protagonistas da própria atividade laboral e da sua metamorfose.

- Movimento 1 – registro / gravação da atividade de trabalho

Considerando as informações obtidas nas observações e entrevistas, o pesquisador realiza o registro em áudio e vídeo de numerosas sequências de trabalho escolhidas antecipadamente pelos participantes. É importante que uma mesma sequência seja registrada em dias e momentos diferentes, para a captação das variadas formas que pode assumir o gesto ocupacional.

- Movimento 2 – Seleção de trechos das atividades de trabalho registradas

Após a gravação das sequências de trabalho, o pesquisador seleciona trechos da ação de cada trabalhador, os quais serão exibidos aos voluntários e orientarão o diálogo na fase seguinte.

- Movimento 3 – autoconfrontação simples

Neste movimento, cada trabalhador assiste os trechos da gravação, que foram previamente selecionados pelo pesquisador. O que se pretende é, por intermédio da exibição do vídeo e do diálogo entre o pesquisador e cada um dos trabalhadores, provocar a coanálise do trabalho. O investigador deve elaborar antecipadamente um roteiro de questões, visando organizar o diálogo. Geralmente, esse roteiro é composto por temas que permitirão ao trabalhador abordar os aspectos potencializadores e impeditivos ou dificultadores do seu agir profissional. Ainda, este movimento deve ser repetido inúmeras vezes, até que cada trabalhador perceba e sinalize que está ampliando e aprofundando a compreensão sobre a sua atividade, mediante o diálogo com o pesquisador.

- Movimento 4 – autoconfrontação cruzada

No último movimento da Fase B, o pesquisador e os trabalhadores, organizados em duplas, assistem juntos os trechos das gravações das atividades de trabalho. Na presença das seqüências laborais registradas e visualizadas, o pesquisador deve atuar como mediador do diálogo entre a dupla de trabalhadores. O conjunto de movimentos que compõe a Fase B tem como objetivo levar os trabalhadores a descreverem detalhadamente sua atividade “[...] até que se manifestem os limites dessa descrição, até que a verdade estabelecida seja flagrada na veracidade do diálogo, pela autenticidade dialógica” (CLOT, 2010, p. 240).

O que surgirá desse processo será, muito provavelmente, um complexo de reflexões sobre o trabalho que apoiará o aperfeiçoamento do agir profissional dos participantes. A autoconfrontação cruzada deve ser feita inúmeras vezes, até que aflore a conflituosidade acerca das práticas laborais e se instale uma dialogia que conduza à produção de saberes capazes de contribuir para ampliar a potência de ação dos trabalhadores, na perspectiva destes.

FASE C

Esta fase é composta por um longo movimento denominado restituição ao coletivo de trabalho. É o momento em que as descobertas e considerações sobre o trabalho realizadas pelo pesquisador e pelos voluntários (grupo de coanálise) são restituídas ao coletivo de trabalhadores que atua na mesma função. Essa submissão dos achados da análise ao coletivo de trabalho tem como

objetivo levar o conjunto de trabalhadores a se apropriar dos saberes produzidos, com vistas a estimular a ação engajada dos profissionais objetivando, segundo Clot (2010), a abertura de zonas de desenvolvimento potenciais, isto é, encorajar a reflexão e a ação sobre as possibilidades de transformação da atividade laboral pelos próprios trabalhadores.

Nessa fase, o pesquisador planeja e executa, em parceria com os voluntários que participaram das autoconfrontações simples e cruzada, reuniões com o coletivo de trabalho. Essas reuniões podem acontecer com “o coletivo profissional [...]; o comitê de monitoramento da intervenção; o coletivo profissional ampliado, ou seja, o conjunto dos pares [...]” (CLOT, 2010, p. 241). Devem ser realizadas tantas reuniões quantas forem necessárias para a criação das condições que conduzam os trabalhadores ao planejamento e implementação de um projeto de aperfeiçoamento ou transformação do seu processo laboral.

Resultados

Conforme mencionamos no tópico sobre a metodologia de recolha dos dados foram verificados, para esta investigação, o Banco de Teses da CAPES e o BDTD. Foram identificadas, entre 2003 e 2013, dez pesquisas produzidas no contexto do ALTER em que a autoconfrontação foi aplicada para apoiar o exame do trabalho docente, sendo quatro dissertações de mestrado e seis teses de doutorado. Vale mencionar que no período delimitado foram identificadas dezessete pesquisas concluídas no campo da Linguística ou Linguística Aplicada em todo o país. Ainda, é preciso mencionar que, conforme Perez e Messias (2013b) até o ano de 2011 os Programas de Pós-Graduação em Educação e Psicologia brasileiros registraram a conclusão, respectivamente, de nove e onze dissertações e teses em que a autoconfrontação foi adotada como ferramenta metodológica de pesquisa. Isto reafirmou o caráter extraordinário do caso do ALTER no contexto do nosso país.

No que diz respeito aos estudos produzidos pelos estudiosos diretamente vinculados ao CNAM, foi possível identificar relatos de estudos realizados por membros da equipe liderada por Clot, como aqueles de Kostulski (2011), realizado com procuradores da República da França, e de Roger (2013), desenvolvido com professores de história e geografia do subúrbio parisiense. Entretanto, não há registro quantitativo das aplicações da autoconfrontação nos estudos conduzidos na França por Clot e seus pares.

No tocante à procedência das pesquisas do ALTER, destacam-se a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), quatro teses de doutorado, e a Universidade Estadual de Londrina (UEL), duas dissertações e duas teses concluídas. Isto se deve, provavelmente, ao fato de a PUC-SP ter sido a ins-

tituição sede do grupo e à qual estava vinculada Machado, pesquisadora líder até 2012 e, no caso da UEL, em virtude das contribuições de Vera Lucia Lopes Cristóvão, professora da universidade, uma das pioneiras do ALTER.

Tabela 1: Instituições de ensino superior em que foram concluídas teses de doutorado e dissertações de mestrado com uso da autoconfrontação

INSTITUIÇÕES	DISSERTAÇÕES	TESES
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	0	4
Universidade Vale do Rio dos Sinos-RS (UNISINOS)	1	0
Universidade Federal do Ceará (UFC)	1	0
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	2	2
Total	4	6

O levantamento feito apontou que o ALTER concentrou a sua produção de pesquisas com uso da autoconfrontação entre os anos de 2006 e 2013. Isto evidencia que os primeiros estudos com a aplicação do dispositivo foram iniciados, aproximadamente, no ano de 2003, quando o grupo foi criado, e concluídos a partir de 2006.

Tabela 2: Ano de conclusão das teses e dissertações do ALTER em que houve aplicação da autoconfrontação

ANO	DISSERTAÇÕES	TESES	TOTAL
2013	0	1	1
2012	0	1	1
2011	1	0	1
2010	0	2	2
2009	1	0	1
2008	1	1	2
2007	0	0	0
2006	1	1	2
Total	4	6	10

A análise textual das pesquisas do ALTER indicou que a primeira investigação sobre o trabalho docente concluída pelo grupo, em que foi utilizada a autoconfrontação, foi a dissertação de Borghi (2006), defendida na UEL, sob orientação de Cristóvão. O objetivo de Borghi foi investigar as configurações do trabalho do professor de inglês iniciante no ensino básico. Em seguida, foi concluída, sob a orientação de Machado, a tese de Lousada (2006), defendida no LAEL/PUC-SP. Essas pesquisas inauguraram, conforme concebido por Machado (2004), os contributos teóricos da Clínica da Atividade e do Intencionismo Sociodiscursivo (ISD), em especial no tocante ao delineamento de uma proposta de análise de textos produzidos por trabalhadores voluntários de uma pesquisa no processo de aplicação da autoconfrontação.

É preciso esclarecer que o ISD é uma teoria que foi desenvolvida na Universidade de Genebra, por pesquisadores liderados por Jean Paul Bronckart, e sustenta que “o desenvolvimento dos indivíduos ocorre em atividades sociais, em meio constituído e organizado por diferentes pré-construídos e através de processos de mediação, sobretudo os languageiros” (MACHADO, 2009, p. 47). A Clínica da Atividade e o ISD têm em comum as suas raízes epistemológicas, centradas no materialismo dialético de Marx e na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, além de apontarem para o trabalho como parte fundamental do desenvolvimento humano. Entretanto, na primeira perspectiva a ênfase está na produção de referências teórico-metodológicas voltadas para a coanálise psicológica do trabalho em um horizonte clínico, enquanto no ISD o foco está na construção de um modelo interpretativo dos diferentes textos (orais e escritos), construídos em uma rede discursiva relacionada a um ofício.

Considerando os apontamentos dos pesquisadores da Clínica da Atividade é possível indicar que Lousada (2006) fez uso do dispositivo de modo parcial, tendo encerrado a sua aplicação na fase intermediária, que é a autoconfrontação simples. Já Borghi (2006) avançou até a fase cruzada da autoconfrontação e chegou a estimular um movimento de exame do trabalho por um grupo de professores, mas que ficou restrito ao coletivo de voluntários participantes da sua pesquisa, não tendo se expandido, como sugere a Clínica da Atividade, ao conjunto de trabalhadores que exercia a mesma função na instituição educacional em que se desenrolou a investigação. Portanto, este movimento coletivo não se caracterizou como um processo de apropriação dos saberes produzidos durante a autoconfrontação e transformação da atividade laboral pelos profissionais da escola.

Outra pesquisa relevante para o ALTER, em que houve a aplicação da autoconfrontação, foi aquela elaborada por Buzzo (2008), que teve seu doutoramento orientado por Machado no LAEL/PUC-SP. Nessa pesquisa foi exa-

minado um texto oral produzido conjuntamente por duas professoras de língua portuguesa, em situação de autoconfrontação cruzada, após a realização de uma atividade específica de trabalho (aulas que trataram do gênero diário de leitura), com o objetivo de averiguar as representações sobre a docência construídas pelas duas participantes, bem como identificar as figuras interpretativas do agir do educador. A pesquisa de Buzzo, primeira que fez uso da autoconfrontação como recurso organizador da formação continuada de profissionais, concluiu a fase intermediária de aplicação do dispositivo, mas não alcançou a etapa final dedicada à restituição ao coletivo de trabalho. A estudiosa indicou, de modo dissonante com os apontamentos da Clínica da Atividade, que não pretendia usar o dispositivo como meio para promover a coanálise do trabalho, mas enfatizou a possibilidade de utilização da autoconfrontação como estratégia estruturante da formação de docentes.

É importante destacar que Buzzo reforçou os nexos entre a Clínica da Atividade e o ISD, em conformidade com as construções teóricas de Machado (2004; 2008). Ainda, a pesquisadora explicitou, por assim dizer, o caráter funcional que assumiu cada uma destas perspectivas teóricas na orientação da condução da recolha e análise dos dados de campo pelos membros do ALTER. Na tese de Buzzo (2008) a Clínica da Atividade foi percebida como abordagem teórica que oferecia aportes para compreender o trabalho como fenômeno real/concreto e psicológico, que dispunha da autoconfrontação, identificada como dispositivo metodológico capaz de fazer emergir textos orais e escritos produzidos por trabalhadores, os quais se configuraram como os dados da pesquisa. Já o ISD foi considerado como abordagem teórica adequada para subsidiar o exercício interpretativo dos textos *no* e *sobre* o trabalho recolhidos no uso da autoconfrontação.

Os trabalhos iniciais do ALTER influenciaram o desenvolvimento ulterior de investigações no campo da Linguística Aplicada do país, os quais abordavam diferentes facetas do trabalho do professor utilizando a autoconfrontação para a coleta de dados e o ISD para a análise dos textos obtidos em campo, entre os quais podemos mencionar: os estudos de Brasileiro (2012), sobre a formação docente e as relações interativas entre alunos e professores, produzido na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas); a investigação de Rodrigues (2011), acerca das anotações de estagiários sobre o trabalho docente, realizada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB); e a tese de Bortolini (2014), defendida na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que pesquisou o agir docente representado em textos orais de professora vinculada a instituição militar.

Ainda no ano de 2008 o ALTER registrou nova conclusão de pesquisa com uso da autoconfrontação, que foi a dissertação de Drey (2008), orienta-

da por Ana Maria Guimarães, vice-coordenadora do grupo, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS. Nessa dissertação, a autora verificou as representações sobre o agir docente de duas professoras de língua portuguesa do ensino médio, vinculadas a uma escola pública da região serrana do Rio Grande do Sul. No que diz respeito ao uso do dispositivo, pode-se indicar que a pesquisa apresentou as características típicas da apropriação e uso do dispositivo pelos estudiosos do ALTER, em que: (a) não houve demanda, por parte de trabalhadores, para a intervenção no processo laboral e aplicação do dispositivo; (b) os objetivos não contemplavam a coanálise do trabalho e mediações no sentido da apropriação dos saberes da pesquisa pelos profissionais voluntários, com vista ao início de um processo de aperfeiçoamento ou modificação do trabalho; (c) o encadeamento formal das fases de aplicação foi respeitada, ainda que a duração de cada fase da autoconfrontação tenha sido bastante reduzida, comparativamente às indicações da Clínica da Atividade, muito provavelmente porque a ênfase estava na recolha dos dados de pesquisa e não na execução de um processo dialógico e analítico pelos trabalhadores e pesquisadora.

As investigações concluídas entre 2009 e 2013 se voltaram para o exame do trabalho docente a partir de dados que emergiram de situações em que a autoconfrontação foi aplicada como parte das ações formativas de docentes, seguindo as apropriações dos fundamentos da Clínica da Atividade e ISD, que foram as bases teórico-metodológicas fixadas pelo ALTER. Neste sentido, confirmou-se o gradual avanço, por parte dos pesquisadores do grupo, de uma compreensão do dispositivo como instrumento metodológico e, também, organizador de estratégias formativas de docentes em situação laboral, em detrimento do caráter clínico da autoconfrontação preconizado por Clot e seus colaboradores. Foram registradas a dissertação de Fernandez (2009) e as teses de Fogaça (2010) e Stutz (2012), orientadas por Cristóvão, na UEL, e uma dissertação produzida na por Farias (2011), sob orientação de Rozania Alves de Moraes, na UFC. Os estudos de Santos e Fogaça examinaram, respectivamente, a vivência em estágio do professor ainda em fase de formação e a reunião pedagógica como possível espaço de capacitação docente. Nestas pesquisas foi aplicada a autoconfrontação cruzada.

A pesquisa de Fernandez (2009) foi a única deste período em que não foi realizada formação docente. A investigadora se dedicou ao exame do uso do livro didático por professores de língua inglesa e aplicou a autoconfrontação até a restituição ao coletivo de trabalho. Entretanto, a análise do texto completo da dissertação indicou que, na verdade, houve uma única reunião entre a pesquisadora e as voluntárias do estudo. Objetivamente, ocorreu uma sessão de debates sobre temáticas significativas para o trabalho do professor de

idiomas. O processo de restituição ao coletivo não foi ampliado no sentido da apropriação dos achados pelo coletivo laboral e a construção de estratégias de transformação do trabalho.

Apesar disso, pareceu haver uma crescente preocupação, por parte dos pesquisadores do ALTER, com o avanço à restituição ao coletivo de trabalhadores, que foi manifestada com clareza por Stutz (2012), que usou a autoconfrontação como uma ferramenta organizadora de ações formativas de docentes de língua inglesa. Nesta pesquisa a aplicação da autoconfrontação seguiu a trajetória iniciada por Fernandez (2009), em que houve esforço para realizar a fase dedicada ao coletivo laboral, ainda que restrita a um número reduzido de sessões ou reuniões com a comunidade de trabalhadores e com foco bastante centrado nos objetivos da pesquisa.

Um estudo que se diferenciou no contexto do ALTER foi a tese de Rodrigues (2010), orientada por Machado. A pesquisadora examinou textos produzidos por dois professores universitários, em duas situações diferentes de coleta de dados, sendo um texto elaborado na autoconfrontação simples e outro a partir do dispositivo metodológico instrução ao sócia. O objetivo geral da pesquisa não era apurar informações ou compreender o ofício de um grupo de profissionais, mas identificar as semelhanças e diferenças entre os procedimentos metodológicos de autoconfrontação e de instrução ao sócia. É importante esclarecer que a instrução ao sócia, analogamente a autoconfrontação, é um método indireto de acesso ao psiquismo em que o trabalhador descreve suas atividades a um pesquisador ou analista do trabalho.

No tocante à sua pesquisa, Rodrigues conjecturou que a aplicação da autoconfrontação tende a fazer emergir conteúdos considerados mais subjetivos e a instrução ao sócia, muito provavelmente, promove o levantamento de informações menos subjetivas. Consideramos que o estudo de Rodrigues foi relevante para apoiar os pesquisadores do ALTER, em investigações posteriores, especialmente, na escolha dos trabalhos em que seria mais apropriado fazer uso da autoconfrontação como dispositivo de recolha de dados. Novamente não houve demanda para a aplicação do dispositivo e, também, não estava entre os objetivos da pesquisadora mediar a apropriação de conteúdos relacionados ao trabalho por parte dos sujeitos da pesquisa.

A última investigação com uso da autoconfrontação no ALTER foi desenvolvida por Messias (2013), sob a orientação inicial de Machado e co-orientação de Joaquim Dolz, professor da Universidade de Genebra. O estudo foi dedicado ao exame do agir do docente de Língua Portuguesa, levando em conta a perspectiva dos professores, mediados pela pesquisadora. Essa investigação resultou na elaboração teórica da noção de agir didático, compreendido como

ações dos docentes relacionadas, especificamente, ao processo de ensino. Vale ressaltar que, assim como Buzzo (2008), a pesquisadora recolheu dados em contexto de formação continuada, e embora tenha feito todas as fases da autoconfrontação (simples, cruzada e constituição de um coletivo laboral), a efetiva restituição final ao grupo de trabalhadores foi delineada, mas o processo completo seria concluído após a defesa da tese. Assim, o texto de Messias (2013) não traz os resultados alcançados na restituição ao coletivo de trabalho. Neste estudo também não houve demanda dos profissionais envolvidos.

Discussão sobre as características dos usos da autoconfrontação pelo ALTER

Antes das considerações sobre os usos da autoconfrontação pelo ALTER, vale relembrar que o exame das dissertações e teses do grupo, o qual expusemos acima, foi realizado para nortear o debate das seguintes questões levantadas nesta pesquisa: (a) quais são as semelhanças e diferenças na aplicação da autoconfrontação em estudos produzidos no ALTER comparativamente às orientações de utilização desse dispositivo feitas pelos pesquisadores da Clínica da Atividade? (b) Os estudiosos do grupo em tela desencadearam os seus trabalhos partindo da demanda de profissionais pela coanálise e transformação das suas atividades ocupacionais ou os pesquisadores é que solicitaram a contribuição de trabalhadores nos processos de recolha de dados para as suas pesquisas? (c) Por fim, caso não tenha havido demanda de trabalhadores, esse fato produziu alterações significativas no conjunto das fases de aplicação autoconfrontação, na coanálise do trabalho e na recolha de dados das pesquisas?

No tocante, estritamente, às fases e movimentos de aplicação da autoconfrontação, observou-se que nos estudos do ALTER foi seguido, de modo instrumental, o passo-a-passo sugerido por Clot (2006; 2010), Fanta (1997), Vieira e Fanta (2003), com ênfase na recolha de dados para as pesquisas produzidas no grupo. Algumas distinções verificadas no emprego da autoconfrontação pelo grupo, comparativamente às indicações dos estudiosos da Clínica da Atividade foram: 1. significativa redução no tempo de duração do processo de aplicação do dispositivo. Enquanto Clot e Fernández (2007) sugerem que cada uma das três fases da autoconfrontação tenha duração aproximada de seis meses, com a realização de numerosas sessões de coanálise da atividade laboral pelo pesquisador e os trabalhadores, no conjunto de pesquisas do ALTER a aplicação do dispositivo foi aligeirada e teve duração de apenas uma ou duas sessões por fase da autoconfrontação; 2. no grupo em tela não foi registrada pesquisa que tenha partido da demanda dos trabalhadores pela coanálise ou

mediação do processo de aperfeiçoamento ou transformação do trabalho; 3. os pesquisadores do ALTER fragmentaram a autoconfrontação, que foi aplicada até a fase simples ou cruzada, não tendo sido registrado estudo que avançou até a conclusão da restituição ao coletivo de trabalhadores.

É possível presumir que as diferenças aludidas na aplicação do dispositivo ocorreram porque na Clínica da Atividade a autoconfrontação é, inicialmente, um dispositivo clínico de coanálise da atividade laboral em que trabalhadores e pesquisador produzem saberes sobre um ofício com vistas à modificação das condições funcionais. E, somente em segundo plano, busca-se a obtenção de dados de pesquisa. A transformação e (re)criação da atividade laboral, que surge do processo de coanálise, é que irá compor o material a ser examinado por um pesquisador. Por sua vez, os membros do ALTER se apropriaram da autoconfrontação promovendo um deslocamento de sua finalidade clínica para torná-la um instrumento destinado fundamentalmente à recolha de dados de pesquisa, submetido aos objetivos de estudo dos pesquisadores e aos prazos de realização das investigações. Por este ângulo, pode-se apontar que o grupo realçou a capacidade, que tem a autoconfrontação, de fazer emergir discursos e textos produzidos durante por trabalhadores, que foram tomados como unidades de análise das teses e dissertações. No caso das pesquisas concluídas entre 2009 e 2013, os membros do ALTER acrescentaram ao uso do dispositivo a função organizativa de ações voltadas para a formação docente, a partir das quais afloravam os discursos que constituíram os dados das pesquisas do grupo.

Além dos aspectos acima, há hipóteses que precisam ser consideradas e podem justificar a aplicação da autoconfrontação, pelos pesquisadores do ALTER, de forma fragmentada, aligeirada e realizada sem a demanda de trabalhadores pela execução de intervenções em suas atividades ocupacionais. Algumas delas, que nos parecem mais pertinentes, são:

- Devido a esse dispositivo metodológico ter sido utilizado em caráter experimental nas pesquisas iniciais do ALTER e ser adaptado e adequado à realidade de trabalho dos pesquisadores brasileiros, que raramente são demandados para intervir nos processos de trabalho;

- Ainda, em função de o grupo, no período aqui examinado, ter realizado trabalhos marcadamente acadêmicos, de modo que seus objetivos de pesquisas foram atendidos nas etapas iniciais da autoconfrontação. Nota-se que o fato de não existir demanda de trabalhadores pela coanálise da atividade laboral torna a restituição ao coletivo de difícil realização;

- O terceiro motivo é a dificuldade em encontrar grupos de trabalho e instituições públicas ou privadas interessadas em participar da autoconfrontação

em todas as suas etapas, visto que isto exige grande disponibilidade institucional e por parte dos profissionais participantes;

- O quarto motivo se relaciona ao tempo destinado ao desenvolvimento das pesquisas acadêmicas que resultam na produção de dissertações e teses no Brasil, que são de dois anos no mestrado e quatro anos no doutorado. Isso faz com que o pesquisador não possa aguardar o surgimento de um grupo de trabalhadores que demande coanálise e intervenção em seu cotidiano laboral. É preciso desenvolver a pesquisa e cumprir os prazos previamente determinados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal para o Ensino Superior (CAPES), que tende a enfatizar, no processo de avaliação dos Programas de Pós-Graduação do país, o respeito ao período estabelecido para a conclusão das dissertações e teses, em detrimento do respeito às particularidades de cada pesquisa e dos possíveis benefícios gerados aos participantes dos estudos. A CAPES, ainda, não leva em conta o tempo que cada área ou subárea do saber acadêmico necessita para elaborar, desenvolver e concluir adequadamente os seus estudos, priorizando a homogeneização e quantificação dos critérios avaliativos da Pós-graduação *stricto sensu*. Assim, parece razoável considerar que os pesquisadores do ALTER tenderam a priorizar a realização de seus estudos, em sintonia com as normas da CAPES, em detrimento da apropriação dos saberes da pesquisa pelos trabalhadores com vistas à transformação da atividade laboral.

É preciso destacar que reconhecemos que o debate acerca do modelo de avaliação e controle dos Programas de Pós-graduação pela CAPES tem sido alvo de controvérsia. A visão que explicitamos acima é partilhada por diversos pesquisadores, conforme demonstrou Horta (2006), segundo o qual a crítica mais recorrente feita a esta agência diz respeito ao caráter homogeneizador das suas regras, que desconsideram as diferenças regionais e, também, aquelas existentes entre as áreas da ciência. Em estudo mais recente, Campos, Borges e Araújo (2014) esclareceram que o sistema de Pós-graduação brasileiro foi criado tendo como referência o ordenamento norte-americano, que enfatiza o controle, punição ou premiação dos Programas que cumprem as suas normativas em prejuízo da relevância social e acadêmica das pesquisas.

Por outro lado, não se pode negar que há pesquisadores que consideram que o paradigma da CAPES é o mais apropriado para estimular a produção acadêmico-científica e a formação de pessoal por meio da Pós-graduação brasileira. É o caso de Paiva (2012), que atribui a CAPES e ao seu modelo de gestão e avaliação o fato de a Pós-Graduação do país, supostamente, ter se consolidado como um sistema de elevado nível na formação de pesquisadores e produção de saberes. As estratégias quantitativas de avaliação dos Programas de Pós-graduação, baseados na produção de docentes e pós-graduandos são defendidas por Paiva (2012, p. 15), sob o lema “publique ou pereça”.

- O quinto e último motivo, está associado ao caráter exploratório e às dificuldades assumidas pelo ALTER na transposição da autoconfrontação, simultaneamente, do cenário sociopolítico, cultural e econômico do país em que foi criada, a França, para o cotidiano dos pesquisadores e trabalhadores brasileiros, e da área em que foi configurado e desenvolvido o dispositivo, a Psicologia, para outra, a Linguística Aplicada.

Apesar das limitações, cumpre reconhecer que os estudos com uso da autoconfrontação produzidos no ALTER trouxeram contribuições ao campo científico do Brasil, em particular, no que diz respeito à integração interdisciplinar em um corpus teórico, metodológico e analítico de perspectivas ligadas à Psicologia e à Linguística Aplicada. Em síntese, os estudos com aplicação da autoconfrontação produzidos no grupo até 2013, sob a liderança de Machado, deixaram um importante legado tanto para a Linguística quanto para as Ciências do Trabalho, que consistiu da articulação original de diferentes áreas do saber e referenciais teóricos e metodológicos para a investigação do trabalho docente. Isto porque foi no processo de realização das pesquisas com a aplicação da autoconfrontação que o ALTER desenredou o uso de aportes da Clínica da Atividade para compor a sua visão de trabalho, combinando essa perspectiva da Psicologia Social do Trabalho com os fundamentos do Interacionismo Sociodiscursivo, que foram aproximados pelos estudiosos do grupo, com vistas à elaboração de uma proposta inovadora de recolha e análise de textos produzidos em situações de trabalho, com ênfase para a atividade linguageira.

Considerações finais

À guisa de conclusão é necessário lembrar que este artigo partiu da presunção que o ALTER, único grupo organizado de pesquisadores em torno dos estudos do trabalho docente com uso da autoconfrontação, pôde produzir saberes acadêmicos que, hipoteticamente, permitiram aperfeiçoar e contextualizar a aplicação do dispositivo para a realidade brasileira acadêmica e do mundo do trabalho.

A experiência do ALTER, de fato, se revelou um esforço de adaptação da autoconfrontação ao contexto brasileiro, mas exclusivamente no tocante aos estudos acadêmicos, sintonizando o dispositivo com os prazos e exigências das pesquisas em Programas de Pós-graduação do país. Em relação aos saberes produzidos sobre o trabalho docente nas pesquisas do grupo com uso da autoconfrontação, pode-se afirmar que o ALTER contribuiu para a ampliação da compreensão da complexidade do trabalho docente, estimulando o debate e a investigação sobre os aspectos constitutivos da atividade profissional dos

professores, tais como: o coletivo de docentes; o próprio professor (trabalho dirigido para si mesmo), outrem (alunos, pais, colegas, direção, etc.), artefatos e instrumentos (como estratégias de ensino, uso de artefatos tecnológicos, documentos prescritivos e autoprescritivos), o contexto sócio-histórico particular, o sistema educacional e o sistema de ensino.

Por fim, os resultados deste estudo, acerca dos usos da autoconfrontação pelo ALTER e da adoção de aportes da Clínica da Atividade e do ISD, apontam que se mantém como desafios para as Ciências do Trabalho no Brasil: (a) fazer uso de métodos e aportes teóricos produzidos em países centrais da produção científica europeia a partir de uma perspectiva marcadamente crítica e orientada para a construção de novos saberes adaptados e sintonizados com as necessidades e a realidade dos trabalhadores brasileiros; (b) superar a hierarquização e a subordinação, mantida por pesquisadores do norte em relação aos do sul, em particular àqueles da América Latina, em relação aos modos de fazer ciência e de analisar as atividades laborais; (c) construir saberes acadêmicos que apresentem caráter simétrico em relação àqueles propostos por pesquisadores europeus, em uma conduta abertamente voltada para a produção e defesa de uma epistemologia do sul, conforme tem sido proposto por Boaventura Souza Santos.

Referências

- ANDRÉ, M. D. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber, 2005. 70 p.
- BORGHI, C. I. B. **A configuração do trabalho real do professor de língua inglesa em seu próprio dizer**. 2006. Dissertação de Mestrado-Curso de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, PR. 2006. 137 f.
- BORTOLINI, A. S. B. **O agir docente representado na fala de uma professora do sistema de ensino militar**. Tese de Doutorado - Curso de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Santa Maria, RS. 2014. 205 f.
- BRASILEIRO, A. M. M. **A emoção na sala de aula: impactos na interação professor/aluno/objeto de ensino**. Dissertação de Mestrado - Curso de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012. 277 f.
- BUZZO, M. G. **Os professores diante de um novo trabalho com leitura: modos de fazer semelhantes ou diferentes?** Tese de Doutorado - Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. 2008. 197 f.
- CAMPOS, V. B.; BORGES, M. F.; ARAÚJO, J. B. Programa de acompanhamento e avaliação da capes: qualidade acadêmica ou controle do estado. **Revista Educação e Políticas em Debate**. Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 193-210, jul. 2014.
- CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006. 221 p.

PEREZ, Deivis, MESSIAS, Carla. As aplicações da autoconfrontação no exame do trabalho docente.

_____. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. 339 p.

_____. O ofício como operador da saúde. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. São Paulo. v. 16, n. especial 1, p. 1-11, jul. 2013.

CLOT, Y.; FERNÁNDEZ, G. Instrumentos de investigación: entrevistas en auto-confrontación: un método en clínica de la actividad. **Laboreal**, Porto, v. 3, n. 1, p. 15-19, jul. 2007.

DREY, R. F. **Eu nunca me vi, assim, de fora: representações sobre o agir docente através da autoconfrontação**. Dissertação de Mestrado - Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS. 2008. 168 f.

FAÏTA, D. La conduite du TGV: exercices de styles. **Champs visuels**, Marseille, v. 2, n. 6, p.75-86, jun., 1997.

FARIAS, A. L. G. **Atividade docente de estagiários de francês: prescrições, gênero e estilo**. Dissertação de Mestrado - Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2011. 263 f.

FERNANDEZ, C. M. **Manual do professor de coleção de livros didáticos de língua inglesa: autonomia ou subsunção do trabalho docente?** Dissertação de Mestrado - Curso de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, PR. 2009. 213 f.

FOGAÇA, F. **Reuniões pedagógicas e autoconfrontações: possíveis espaços de desenvolvimento profissional na escola pública**. Tese de Doutorado - Curso de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, PR. 2010. 226 f.

HORTA, J. S. B. Avaliação da pós-graduação: com a palavra os coordenadores de programas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 19-47, jun. 2006.

KOSTULSKI, K. A linguagem na análise da atividade: formas de realização e funções psicológicas. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 16, n. especial, p. 59-68, jul. 2013.

LOUSADA, E. G. **Entre o trabalho prescrito e o realizado: um espaço para a emergência do trabalho real do professor**. Tese de Doutorado - Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006. 333 f.

MACHADO, A. R. **O ensino como trabalho**: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004. 325 p.

_____. **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Campinas: Mercado de Letras, 2008. 208 p.

_____. **Linguagem e Educação**: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009. 184 p.

_____. Ensino de gêneros textuais para o desenvolvimento do professor e de seu trabalho. In: SERRANI, S. **Letramento, discurso e trabalho docente**. Vinhedo: Horizonte, 2010. p. 148-156.

_____. As pesquisas do grupo ALTER-LAEL para a análise do trabalho educacional. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 35-46, jun. 2013.

STUTZ, L. **Sequências didáticas, socialização de diários e autoconfrontação: instrumentos para a formação inicial de professores de inglês**. Tese de Doutorado - Curso de Pós-graduação Estudos da Linguagem Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, PR. 2012. 458 f.

MESSIAS, C. **O agir didático do professor de língua portuguesa e sua reconfiguração pelos professores**. Tese de Doutorado - Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. 2013. 398 f.

PAIVA, V. L. M. O. Políticas de credenciamento e reconhecimentos de professores em programas de pós-graduação em Linguística e em Linguística Aplicada: publish or perish. In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A.; TÍLIO, R.; HILSDORF, C. (Orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 263-284.

PEREZ, D. ; MESSIAS, C. A autoconfrontação e seus usos no campo da linguística aplicada ao estudo do trabalho do professor. **Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 2, n. 2, jan. 2013a. p. 92-112.

_____. O dispositivo metodológico e interventivo autoconfrontação e seus usos em pesquisas de educação. **Nuances**, Presidente Prudente, v. 20, n. 3, set. 2013b. p. 81-100.

RODRIGUES, D. L. D. A autoconfrontação simples e a instrução ao sócia: entre diferenças e semelhanças. Tese de Doutorado - Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2010. 165 f.

RODRIGUES, M. A. N. **As (re)configurações sobre o trabalho docente em relatórios de estágio**. Tese de Doutorado - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.. 2011. 167f.

ROGER, J-L. Metodologia e métodos de análise em clínica da atividade. **Cadernos de Psicologia Social**, São Paulo, v. 16, n. especial, p. 111-120, jul. 2013.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, dez. 2006.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N., LINCOLN, Y. **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 2000. p. 435-455.

STUTZ, L. Sequências didáticas, socialização de diários e autoconfrontação: instrumentos para a formação inicial de professores de inglês. Tese de Doutorado - Curso de Pós-graduação Estudos da Linguagem Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, PR. 2012. 458 f.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 317 p.

VIEIRA, M.; FAÏTA, D. Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada. **Polifonia**, Cuiabá, v. 7, n. 1, p. 27-65, 2003.

PEREZ, Deivis, MESSIAS, Carla. As aplicações da autoconfrontação no exame do trabalho docente.

VIGOTSKI, L. S. O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. In: **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1927/1996. p. 203-417.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 1926/2004. 558 p.

Submissão: 05/06/2015

Revisão: 13/04/2016

Aceite: 07/08/2016

Deivis Perez é doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; professor no Programa de Pós-graduação em Psicologia e do Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP).

Endereço: Avenida Dom Antonio, 2100, Parque Universitário, Assis-SP,
CEP: 19806-900.

E-mail: prof.devisperez@hotmail.com

Carla Messias é doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pela Universidade de Genebra-Suíça e professora de língua portuguesa da Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT).

Endereço: Rua Amaro Leite, Centro, Barra do Garças-MT, CEP: 76800-000.

E-mail: carlamessias@yahoo.com.br